

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

A INTERCULTURALIDADE E SEUS REFLEXOS NA PRODUÇÃO DE TEXTOS DE ALUNOS DESCENDENTES DE POMERANOS

Tatiani Ramos (UFES)
tateletras@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Segundo Costa Val (1997), o texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa. Em sua produção e recepção, uma série de fatores pragmáticos contribui para construção de seu sentido e possibilitam que seja adequado ao emprego normal da língua.

A intenção do produtor do texto junto com o contexto sócio-cultural em que se insere o discurso são importantes para a recepção do texto, pois dependendo do contexto a apresentação do mesmo, torna-se de difícil compreensão para o leitor.

A textualidade é outro fator importante do texto, pois engloba um conjunto de características, tais como a relação coerente entre as ideias, que faz com que um texto seja realmente um texto.

Os textos que são produzidos por alunos falantes do português passam por vários problemas como os de coesão, coerência e adequação a norma culta e o resultado é uma concepção errônea e inadequada do próprio ato de escrever. Essas dificuldades citadas acima para o aluno em questão levam “um certo tempo” para serem suprimidas. Sobre a concepção do texto Costa Val (1997), afirma que “produzir um texto, requer, antes do trabalho braçal de encher folhas de papel, a construção de uma opinião personalizada sobre o tema a ser tratado”.

O processo natural do texto começa com a escolha pessoal do tema e inclui a busca de informação e a discussão com pessoas também interessadas no seu tema, para compor uma análise madura. O papel do professor é fornecer ao aluno condições para que a concepção de um texto ocorra em um processo natural e assim possibilitando a descoberta dos seus próprios métodos de criação.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

A existência de grupos imigrantes no estado do Espírito Santo, como os italianos, alemães e pomeranos, em especial os últimos, que são o tema deste trabalho e fez com que nascesse a necessidade do uso e domínio de ambas as línguas para que houvesse uma comunicação. Tornando dessa forma ainda mais complexa a escrita textual.

1. O texto

1.1. Coesão

No que diz respeito à coesão Ingedore (2003, p. 16) afirma que é um conceito semântico que se refere à relação de sentido existente no interior do texto e que definem como o “texto”, ou seja, a coesão irá ocorrer quando a interpretação de algum elemento dentro do texto depender de outro.

Por estabelecer uma relação de sentido à coesão concerne um conjunto de recursos semânticos por meio das quais uma sentença se liga com a que veio antes. Estes recursos dizem respeito à oposição ou contraste (mas, mesmo); finalidade ou meta (para, em); consequência (foi assim que, em); localização temporal (até que, em); explicação ou justificativa (porque, em); adição de argumentos ou ideias (e, em). É por meio de mecanismos como estes que vai tecendo a tessitura do texto.

1.2. Coerência

O texto para ter sentido precisa ser coerente, segundo Ingedore (2003, p. 11) “a coerência do texto é representada por algo que se estabelece na interação, na interlocução, na situação comunicativa entre dois usuários”. Logo a coerência contém em si todos os aspectos que são considerados importantes uma boa formação textual.

A coerência é considerada o fator fundamental da textualidade, pois é responsável pelo sentido do texto.

Um discurso é aceito como coerente quando apresenta uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do leitor. Por exemplo, um discurso da medicina será incoerente aos olhos de um engenheiro, dessa forma, percebe-se que é necessário

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

haver similaridade de conhecimento de mundo para que um texto seja coerente.

A coerência faz menção ao nexos entre os conceitos e esse nexos é indispensável para que uma sequência de frases possa ser reconhecida como texto.

Para um texto ser coerente precisa apresentar em seu desenvolvimento fatores como: Continuidade, a progressão, a não contradição e a articulação que vão garantir a boa compreensão textual.

2. Análise do Corpus

Antes de passar para a análise da coerência, coesão e informatividade da redação estudada, é preciso deter a atenção sobre as condições de produções desses discursos, que foram feitos por alunos que são de descendência de pomeranos e que foram ter contato com o português em idade escolar. Lembrando que neste artigo foi colocado apenas um texto devido o tamanho de suas análises e a brevidade destas páginas.

2.1. A Morte

1. Tem muita gente que tem medo da mas nos a morte, você não precisa ter medo dela 2. por que ela só ter matá.

3. Eu já conheci muita gente que morreu e um deles era meu amigo mais agora ela já 4. morreu E a família dos que moreram ficaram por dias sofrendo a morte do homem.

5. E os outros que moreram um morava porta da minha casa e ele morreu a moto, ele bateu 6. com o seu amigo numa curva que os dois moreram logo não hora e não fica bem longe 7. da escola. isto é verdade.

2.1.1. Parágrafo 01

Tem muita gente que **tem** medo da ? mas nos a morte, você não precisa ter medo dela porque ela só te matá.

O parágrafo acima apresenta vários problemas que infringem as regras para um bom desenvolvimento de um texto. O primeiro é a repetição do verbo ter como marca da oralidade presente na escrita e

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

na sequência apresenta uma quebra na continuidade ao escrever “tem medo da?” omitindo assim uma informação, neste o objeto do medo .

A segunda dificuldade presente no parágrafo está após o elemento de articulação “mas”, o aluno insere “nos a morte” deixando o dêitico “nos” sem referencial e totalmente desprendido do enlace textual e desta forma provoca uma quebra da coesão no quesito articulação.

O terceiro problema aparece na coerência da não contradição, pois ao colocar a seguinte frase “*você não precisa ter medo dela porque ela só te matá*” mostra uma anormalidade no conhecimento de mundo, uma vez que este tipo de tema não é tratado com simplicidade nem pelos adultos, por isso gera um espanto um adolescente tratar a morte como um assunto natural. E por ultimo ocorre um equívoco na coesão com o tempo verbal, em que se utiliza “matá” no lugar de mata e ao terminar o parágrafo assim o aluno rompe com a continuidade no texto.

2.1.2. Parágrafo 02

Eu já conheci muita gente que morreu e um deles era meu amigo mais agora ele já morreu e a família dos que moreram ficaram por dias sofrendo a morte do homem.

O segundo parágrafo também traz muitas marcas de oralidade para o texto, entre elas, o já como se segue “*eu já conheci*” um advérbio de tempo no meio de um pronome pessoal e um verbo; o aluno utiliza-se deste advérbio como um marcador temporal para reforçar a informação passada, na sequência o aluno coloca a frase “*mais agora ele já morreu*” esta frase deve ser analisada como bloco, pois falta informação necessária para dar sentido ao texto e desta forma rompe com a progressão.

Em seguida ocorre uma inadequação da coerência na continuidade no trecho “*e a família dos que moreram*”, pois o artigo que antecede o substantivo família deve concordar em grau com os termos dos que morreram e isto não ocorre.

O ultimo problema se dá no desvio que ocorre quando o aluno se contradiz usando a frase “*a morte do homem*” que não traz ligação

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

com o resto do texto provocando assim uma falha na coerência no âmbito da não contradição.

2.1.3. Parágrafo 03

E os outros que moreram um morava porta da minha casa e ele morreu a moto, ele bateu com o seu amigo numa curva que os dois moreram logo não hora e não fica bem longe da escola. Isto é verdade

Este parágrafo inicia-se com seguinte afirmação “E os outros que moreram” este trecho a principio demonstra uma contradição, pois não amarra os parágrafos como manda a coerência textual, mas ao analisarmos o texto, pode-se observar que esta ligação se faz com o termo “muita gente” no inicio do 2º parágrafo desta forma torna-se possível à compreensão do trecho que antes parecia solto.

Logo em seguida o aluno deixa uma falha na continuidade, pois faltou um elemento de coesão “*na*” para compor a frase “morava porta da minha casa” e a seguinte faltou o elemento de coesão “*de*”. Na sequência o *que* é utilizado de forma indevida “bateu com seu amigo numa curva que os dois moreram” o termo em questão deveria ser substituído pelo *na qual* e isto implica em uma falha na articulação no âmbito da coesão.

O quarto problema apresenta-se na coesão da continuidade, pois o estudante na frase ‘*logo não hora*’ deveria ter usado o *na* para dar sentido ao parágrafo.

A conclusão do texto se aplica na única afirmação final “isto é verdade” com isto o aluno fecha o texto retomando todas as informações e atestando que são verdadeiras.

Uma ultima observação: O texto apresenta problemas de coesão e coerência na continuidade, a não contradição e na progressão há também muitas marcas de oralidade e erros ortográficos no texto, mas o aluno demonstrou por vezes saber aproveitar dos recursos anafóricos quando se fez necessário.

3. Conclusão

A conclusão que segue apresenta dados particulares do texto acima, mas também os devidos resultados da pesquisa no âmbito geral.

A pesquisa desenvolvida permite constatar que as deficiências responsáveis pela baixa qualidade do nível de textualidade das redações analisadas se situam principalmente nos quatro quesitos verificados: continuidade, progressão, não contradição e articulação. Além de um grande déficit no que diz respeito à informatividade textual.

Ao que se refere à continuidade o texto apresentou muitos rompimentos na frase, dificuldades para fazer a retomada de ideias através dos anafóricos e excesso de repetição de palavras, o que são fatores decisivos para quebrar a sequência textual.

A articulação e a progressão no texto foram prejudicadas, pois o aluno ao acrescentar uma informação não colocava o conectivo necessário para fazer a ligação entre as sequências de ideias apresentadas entre o dado e o novo e desta forma deixava a informação nova sem conexão falhando assim nos dois quesitos.

No quesito não contradição houve muita contradição ao mundo referido no texto, ou seja, o aluno afirmou e logo em seguida negou a mesma informação.

A redação analisadas por serem textos de produção bilíngue, isto é, os alunos apresentam grandes marcas do pomerano na escrita e mostraram dificuldade para fazer adequações da língua portuguesa na escrita. Por isto foi comum encontrar inversão de estruturas sintáticas, inadequação lexical, inadequação de tempos verbais e estruturas que não são reconhecidas pela língua portuguesa, como já citado acima, assim percebemos que a mescla dessas duas línguas influenciam diretamente nos textos dos alunos.

Em síntese, os textos são de difícil compreensão, com estruturas que, às vezes, não são reconhecidas pela norma culta padrão da língua portuguesa e isto se dá devido ao fato de que são alunos descendentes de pomeranos, os quais até aos seis anos de idade só falam o pomerano. E ao entrar em contato com língua portuguesa na escola encontram professores que não tiveram tratamento adequado para lidar com um idioma que desconhecem. Isto leva a um conflito de dois

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

idiomas na sala de aula que tanto escrita quanto na fala geram todos os problemas levantados neste trabalho

Vivemos no mundo da escrita e as dificuldades textuais apresentadas são incidências de indivíduos que encontraram dificuldades para adentrar e fixar-se na sociedade como cidadão atuante.

REFERÊNCIAS

- CALVET, Loj. *Sociolinguística*. São Paulo, Parábola, 2002.
- CHARROLES, C.V. Bertrand. Bouacha, Ali. *O texto leitura e escrita*. São Paulo: Pontes, 1988.
- COSTA VAL, G. C. *Redação e textualidade*. São Paulo, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- INI, Fleuri. R. Matias. *Intercultura: estudos emergentes*. Ijuí: Unijui, 2001.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- PACHECO, Renato. *Estudos Espíritos-Santeses*. 1. ed. [s.l.]: Sagraf. 1994.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.